

Editorial

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS, a internet, com suas diversas ferramentas e aplicativos, e, destacadamente, as mídias sociais, não só agilizam os processos de comunicação humana, mas são a base material de uma nova era, qualitativamente, ontologicamente, específica e diversa dos modelos anteriores. A nova e atual configuração midiática da qual o universo digital é um elemento essencial, acarreta e implica alterações profundas no modo de ser e de viver. Compreender e analisar essas mudanças é o que se faz quando se pergunta, por exemplo, qual a especificidade dos fãs quando a difusão das produções culturais não se dá mais por meio de mídias de massa, ou então, quando se indaga se as mídias em rede e abertas à participação dos usuários estão a salvo e distantes do grande capital, ou ainda, se a globalização propiciada pelas mídias digitais está sendo benéfica para a produção acadêmica em Ciências Sociais? São questões como essas a que se dedicam **Nancy K. Baym** no artigo “Fãs ou amigos? Enxergando a mídia social como fazem os músicos”, **Mario Carlón** no texto “Contrato de fundação, poder e midiatização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros” e **Isabel Ferin Cunha** em “A globalização da investigação em Ciências Sociais: o caso dos estudos de comunicação no espaço ibero-americano e lusófono”.

Observando que a nova configuração midiática não se estabelece em uma única direção, **Joseph Straubhaar** anota como as instituições midiáticas caminham tanto para a regionalização quanto para a globalização em momentos e processos cumulativos; essa discussão interage com o artigo de **Dieter Mersch** que propõe uma visão muito específica sobre o tema: uma teoria negativa dos media, qual seja, a ideia que estruturalmente os meios possuem a peculiaridade de ocultar a sua medialidade para produzir ou representar algo.

Inserindo questões relativas às configurações sociais variáveis vinculadas a meios de comunicação dominantes, encontram-se as reflexões de **Juremir Machado**, de **Eugenia Mariano da Rocha Barichello** e de **Marco Toledo Bastos** – nos dois primeiros as observações se fazem a partir do olhar de Harold Innis e de McLuhan e no último a partir Niklas Luhmann, Dirk Baecker e Vilém Flusser.

Restringindo seu foco ao campo do jornalismo, o artigo “Perfil do jornalista profissional em São Paulo: contradições vividas pela categoria na fase imediatamente posterior à obrigatoriedade do diploma (entre os anos de chumbo e o milagre econômico)”, de **José Marques de Melo**, com base em dados sobre profissionais do setor em pesquisa coletada em 1972, visa situar os impasses do fazer jornalístico em um determinado momento da ditadura militar brasileira (1964-1985) – período de cerceamento das liberdades, inclusive de expressão. A anotação sobre o significado da informação e a possibilidade do cerceamento da liberdade nos remete a dois outros artigos da revista: ao de **Mayra Rodrigues Gomes**, que debate a classificação indicativa atual como uma forma de censura; e o de **Glauro Rodrigues Cortez** que discute sobre a industrialização da notícia como uma forma de dessignificação.

Christina Ferraz Musse no artigo “Cultura, televisão e imaginário urbano” e **Gustavo Pereira Portes** e **Eward Haig** em “Busca por uma metodologia da influência dos *animês* em jovens brasileiros – uma perspectiva pós-junguiana” apresentam questões bem específicas e, ao mesmo tempo, centrais no que tange à identidade brasileira: o primeiro trabalho enfoca a televisão como mediadora das relações sociais e construtora de identidades coletivas brasileiras, e o segundo discute a influência de quadrinhos japoneses em jovens brasileiros. Voltando-se para os Estados Unidos da América, **Mariana Baltar** discute a questão da espetacularização tomando um objeto muito específico: filmes de viagem dos anos 1910 a 1930.

Resenhas traz análises da obra *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*, do professor **Henry Jenkins**, e da coletânea *Comunicación y desarrollo: prácticas comunicativas y empoderamiento local* organizada por Francisco Sierra Caballero e Marcelo Martínez Hermida. E as Teses e Dissertações defendidas no segundo semestre de 2012 encerram esta edição.

O conjunto de artigos que compõem o presente número da revista **MATRIZES** exemplifica em sua plenitude a missão da revista, qual seja, trata-se de uma publicação aberta às reflexões sobre culturas e linguagens midiáticas e suas implicações sócio-políticas e cognitivas, que preserva o horizonte transdisciplinar do pensamento comunicacional e espera redimensionar conhecimento e práticas que contribuam para definir, mapear e explorar os novos cenários comunicacionais.

Com a intenção de ser disponível digitalmente de maneira ampla e fácil, toda a coleção da revista MATRIZes se encontra atualmente no Portal de Revistas da USP, no endereço <http://www.revistas.usp.br/matrizes>.

Boa Leitura!

Equipe Editorial